



Iluminação bíblica e magisterial do Papa Francisco sobre a questão ecológica

Pe. Carlos Roberto dos Santos – Brasil

“Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras’ [...] Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (cfr. LS n. 1-2).

1. A QUESTÃO ECOLÓGICA VISTA PELO MAGISTÉRIO CATÓLICO¹

1.1. PREOCUPAÇÕES ECOLÓGICAS NO CONCÍLIO VATICANO II

Apesar da preocupação com o destino universal dos bens e da preocupação com as profundas e rápidas mudanças que a inteligência e as atividades humanas estavam provocando no mundo, e que se estendiam progressivamente ao universo inteiro, podemos perceber que os padres conciliares ainda não perceberam a problemática da ecologia. Vários documentos retomam este princípio do destino universal dos bens:

“Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade” (GS n. 69).

Mas já ai, colocavam bases para um futuro “desenvolvimento sustentável” onde os mais ricos têm a obrigação moral de socorrer os mais pobres, não somente com o que lhes é supérfluo. Esta perspectiva provocaria a necessidade de “prever o futuro, estabelecendo justo equilíbrio entre as necessidades atuais de consumo, individual e coletivo, e as exigências de inversão de bens para as gerações futuras” (GS n. 70).

1.2. PREOCUPAÇÕES ECOLÓGICAS NO MAGISTÉRIO PAPAL

Frei Ludovico Garmus² nos mostra que a partir de 1970 a Igreja acompanha a questão ecológica com mais proximidade. Demonstra que, na Encíclica *Populorum progressio*, 1967, o

¹ Cfr. *“Ecologia nos Documentos da Igreja Católica”*, Frei Ludovico Garmus, in: <http://www.franciscanos.org.br/?p=55573>Cfr. também: <http://cnbbsul3.org.br/texto-de-apoio-fraternidade-biomas-brasileiros-e-defesa-da-vida.html>

Papa Paulo VI apresentou um dos princípios que ainda hoje norteiam as atitudes humanas diante do meio ambiente. Disse Paulo VI: *“Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós”* (PP n. 17).

Frei Ludovico nos mostra, também, que em sua mensagem enviada à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, o Papa Paulo VI afirmou: *“Hoje, de fato, há maior consciência de que o homem e o ambiente em que ele vive são mais do que nunca inseparáveis”*³, e, ainda reforçou esta preocupação dizendo que o homem deve *“respeitar as leis que regulam o impulso vital e a capacidade de regeneração da natureza”* pois ambos, homem e natureza, compartilham o mesmo futuro comum. Se o homem ignorar esta interdependência e explorar desordenadamente as reservas do planeta, desperdiçando recursos naturais não renováveis no ar, na terra, na água e até no espaço, mesmo se for para produzir bens úteis, estará provocando desequilíbrios na ordem natural, colocando em risco todo tipo de vida: vegetal e animal, conseqüente tornando-se uma ameaça para si mesmo.

Ainda naquela Conferência, o Papa Paulo VI afirmou que nenhuma medida será eficaz sem a consciência da *“necessidade de uma transformação radical de mentalidades”*, e lembrou São Francisco de Assis como um grande testemunho de harmonia: consigo mesmo, com Deus e com toda a natureza. E voltando-se para a palavra de Deus, disse que *“governar a natureza significa, para a raça humana, não destruí-la, mas aperfeiçoá-la; não transformar o mundo num caos inabitável, mas numa bonita casa, ordenada no respeito por todas as coisas”*.

Desde então, a Doutrina Social da igreja nos mostra que pensamento ecológico foi uma preocupação constante na Igreja. É bem verdade que os desafios da convivência com os biomas não são tratados diretamente no Magistério, mas eles são iluminados por uma reflexão de consciência ecológica a respeito da interligação entre a obra da criação: dom, cuidado, usufruto e preservação da mesma.

O meio ambiente e sua preservação foi, com certeza, uma preocupação do Papa João Paulo II e ele abordou a questão em diversas ocasiões. Em sua Carta Encíclica *Redemptor hominis*, de 1979, manteve as preocupações e denúncias de seu antecessor, Paulo VI, insistindo que tais ações depredatórias são *“ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e o separam da mesma natureza”*. *Tal atitude é contrária à vontade do Criador que colocou o homem como ‘senhor’ e ‘guarda’, e não como ‘desfrutador’ e ‘destruidor”* (cfr. RH n. 15).

Na Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, de 1987, que também aborda a questão ecológica, o Papa afirma a existência de uma *“preocupação ecológica”* como um sinal positivo. Esta preocupação ecológica fez emergir *“uma maior consciência dos limites dos recursos disponíveis, a necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza e de tê-los em conta na programação do desenvolvimento, integridade e os ritmos da natureza e de tê-los em conta na programação do desenvolvimento, em vez de sacrificá-los a certas concessões demagógicas”*

2 Frei Ludovico Garmus, da Ordem dos Frades Menores. É doutor em Exegese Bíblica. Participou da tradução da Bíblia pela Editora Vozes. Atualmente é colaborador no Instituto Teológico Franciscano, trabalha com Estudo Bíblicos e tem diversos livros publicados sobre os temas: Jesus Cristo, Ética, Profetismo, Bíblia e Teologia.

3 cfr. SEDOC, agosto de 1972, col. 159-162

(Cfr. SRS n. 26). No entanto o papa continua a posição crítica do magistério afirmando que ainda existem muitas regiões do planeta que se encontram ameaçadas por consequência dos gravíssimos danos causados à natureza, e que afetam o seu equilíbrio vital, a vida humana e seu futuro.

O Papa João Paulo II afirma claramente que a Igreja não é contra o progresso científico e técnico (cfr. *Octogesima Adveniens, de 1971, n. 21*), pois Deus criou o homem inteligente e laborioso: o progresso e a técnica fazem parte de sua essência e são aliados na sua existência. No entanto, o ser humano e a vida é que são importantes. Todo o progresso técnico conquistado deve estar a serviço da vida, e não dominando a vida humana e a natureza. (Cfr. *Laborem Exercens, n. 5*).

João Paulo II alertou a humanidade para lembrarmos que recebemos de Deus os dons da natureza, e os recebemos para cuidar, usar com respeito e amor tirando deles o nosso sustento e passá-los para as futuras gerações, em melhores condições, para que também elas vivam com dignidade. E em 1990, na mensagem para a 23ª Jornada Mundial pela paz, ele afirmou que, diante de tanta degradação do meio ambiente, diante de tanta injustiça social e da corrida armamentista, é possível vislumbrar uma lenta gestação de *consciência ecológica*. E nos orienta para que a incentivemos (cfr. n. 1).

Analisando nossa sociedade antropocêntrica e relativista, que deixou Deus em segundo plano, o Papa alertou a humanidade para perigo do consumismo, que, além de ser prejudicial à saúde física, espiritual e econômica, aliena o homem e provoca a degradação do ambiente natural pelo uso e descarte desenfreado das coisas (cfr. *Centesimus Annus, de 1991, n. 16*).

Na Semana de estudos da Pontifícia Academia de Ciências, em 1992, dedicada ao estudo entre o acentuado crescimento demográfico, o Papa João Paulo II lembrou que

“a preservação da natureza não se consegue simplesmente diminuindo a população e, sim, corrigindo os erros. É preciso agir no âmbito da educação e coibir a destruição do meio ambiente, causada pela indústria e pelos produtos industriais” (n. 8). Se não mudarmos nosso estilo de vida consumista será difícil melhorar o meio ambiente⁴.

Na carta ao Secretário Geral da Conferência Internacional sobre população e desenvolvimento, em 1994, o Papa retornou à questão demográfica, relacionando-a com o meio ambiente e afirmou que o modelo econômico, baseado na produção e no consumo, é determinante na qualidade do ambiente, e, conseqüentemente, são as políticas errôneas as vilãs que causam a degradação do ambiente. E exortou as nações desenvolvidas a reverem seus padrões de consumo em respeito aos povos contemporâneos e às futuras gerações.

Na *Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Gregis*, (2003), o Papa insistiu no tema da ecologia e defesa do meio ambiente conclamando os bispos a assumirem a tarefa de incentivar uma conversão ecológica:

“Há necessidade [...] de uma conversão ecológica, para a qual os Bispos hão de dar a sua contribuição ensinando a correta relação do homem com a natureza. À luz da

doutrina sobre Deus-Pai, criador do céu e da terra, vê-se que se trata duma relação 'ministerial': o homem está efetivamente colocado no centro da criação, como ministro do Criador (cfr. n. 70).

O Papa emérito Bento XVI, conhecido como “o primeiro papa verde” manifestou a preocupação da Igreja com a ecologia em diversos pronunciamentos de seu pontificado. Em sua mensagem para o sexagésimo Dia Mundial da Paz, de 01 janeiro de 2007, retomou e consolidou a relação inseparável que existe entre ecologia da natureza, ecologia humana e ecologia social.

Na *Encíclica Caritas in Veritate*, de 2009, ele demonstrou a interligação existente entre o homem e a natureza, e a necessidade de abordar a questão ecológica não apenas como “*fruto de uma evolução determinista [mas como] um resultado maravilhoso da intervenção criativa de Deus*” (cfr. CV 48). Partindo do texto do Genesis, apresentou a natureza como um “dom de Deus” que devemos “guardar e cultivar” (Gn 2,13), por isso, afirmou que o ser humano tem o direito de usar a tecnologia para melhorar a natureza, e dela usufruir, mas não o tem para “violentar a natureza”. Ela deve ser respeitada como “obra admirável do Criador”.

Com relação à produção e ao uso dos recursos energéticos e energia renováveis, o Papa mostrou a responsabilidade dos países ricos para com os países pobres e a necessidade de uma redistribuição mundial destes recursos para que todos, principalmente os mais pobres, possam ter acesso a eles.

“Ao homem é lícito exercer um governo responsável sobre a natureza para guardá-la, colocá-la em seu proveito e cultivá-la também com novas formas e com tecnologias avançadas de modo que ela possa dignamente acolher e nutrir a população que a habita” (cfr. CV n. 49).

Mostrou, igualmente, que a urgência de uma solidariedade mundial sobre o desenvolvimento humano passa pelo “*reforçar a aliança entre o ser humano e o ambiente que deve ser espelho do amor criador de Deus, do qual viemos e para o qual caminhamos*” (CV n. 50), pois nossa geração não pode ignorar sua responsabilidade consigo mesma e com as gerações sucessivas.

O Papa emérito Bento XVI denunciou estilo de vida hedonista, consumista e predador de nosso tempo⁵: “*o modo como o homem trata o ambiente influi sobre o modo como trata a si mesmo, e vice-versa*”. E afirmou a necessidade urgente de rever este estilo de viver, e procurar um novo modelo, pautado por escolhas de consumo, poupança e investimentos que se orientem pela busca do que é verdadeiro, belo e bom, em comunhão com os outros seres humanos (CV n. 51) e outros seres do planeta.

O Papa emérito mostrou, ainda, que a responsabilidade da Igreja não é somente defender a terra, a água e o ar como dons da criação que a todos pertencem, mas ela “*deve proteger, sobretudo, o homem contra a destruição de si mesmo*”, porque “*quando a 'ecologia humana' é respeitada dentro da sociedade, também a ecologia ambiental é favorecida*” (CV n. 51).

O Papa Francisco deu continuidade ao magistério de seus antecessores, mas chamou atenção para um fato gravíssimo diante de nossos olhos: apesar de tanta preocupação com o meio ambiente e a ecologia desde o Concílio Vaticano II e passando por todos os últimos papas, parece que a humanidade ainda não compreendeu o perigo. Muito mais preocupada com seu bem estar e com seu consumo imediato, ela ainda não se deu conta dos outros significados do seu ambiente natural: a necessidade de defender a vida, e todo tipo de vida, como um “grito do planeta” para sua própria sobrevivência.

Assim, o Papa Francisco avançou em muito ao apresentar em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, uma visão global do mundo e uma ecologia integral. Ele afirmou:

“Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação” (EG n. 215).

O Papa Francisco tem uma grande preocupação com as questões ecológicas, com o futuro da vida na Terra e com o futuro dos povos.

Na Encíclica ecológica *“Laudato si”*, de 2015⁶, ao falar do cuidado que devemos ter com a natureza, nossa “casa comum”, ele demonstra esta preocupação a partir de algumas questões: **“Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?”** (LS 160). Esta questão está no núcleo de sua preocupação e vai, pouco a pouco, desnudando-se no sentido de não ficar restrita apenas ao meio ambiente, e vai iluminando a necessidade de uma interrogação maior e mais profunda, sobre o sentido da nossa existência, sobre a preservação da natureza, nossa casa comum, e sobre os valores que estão na base da nossa vida social.

Algumas questões sobre o que está acontecendo com a nossa casa, o planeta terra, estão escancaradas à nossa frente. Basta observar a nossa volta e conferir: aquecimento global; poluição; escassez de água potável por causa da poluição, ameaça aos mananciais, guerras hídricas; há uma perda constante e crescente da biodiversidade no planeta; desgaste da qualidade de vida e decadência social: falta uma justiça que distribua os bens econômicos e sociais com equidade; vivemos a cultura do descarte e produzimos muito lixo (lixo tóxico também); e, acima de tudo, há uma multiplicidade de opiniões sobre a questão ecológica e a defesa da vida no planeta, nossa casa comum. No entanto, com clareza, o papa Francisco afirma que toda esta preocupação ecológica de nada valerá e não promoverá nenhum “efeito importante, se não pulsar no seu interior uma outra questão bem mais profunda: **“Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?”**. Sem isso, diz Francisco: “não creio que as nossas preocupações ecológicas possam surtir efeitos importantes”.

6 **Laudato Si'** é a encíclica papal sobre o cuidado da casa comum. Ela foi escrita a partir do método “ver, julgar, agir e celebrar”, e está inserida no **magistério social** da Igreja e destina-se a toda a **humanidade**. Nela encontramos a emergência de uma “nova relação” com todos os seres vivos, que exige um compromisso de todas as pessoas no cuidado **responsável e contemplativo** da “nossa casa comum”.

Francisco demonstra seu apelo ecológico apresentando o planeta como “*nossa casa comum*” e o clima, a água e a terra como “*um bem comum, de todos e para todos*”. Traçando uma crítica ao desenvolvimento que engloba a humanidade o mundo para, o que parece, um “beco sem saída” de auto aniquilação, ele chama atenção da humanidade para compreender que **o tempo de encontrar soluções globais é urgente e está acabando**. É urgente “**uma conversão ecológica global**” para salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana, diz o Papa.

Vemos, também, na *Laudato Si*, que Francisco indica **a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta** como um dos eixos fundamentais da reflexão ecológica. Tanto a natureza como os pobres são usados como formas para o lucro fácil: exploração da mão de obra barata e extração desenfreada dos recursos naturais, tudo em nome do lucro fácil disfarçado de progresso humano. Já de longa data a Doutrina Social da Igreja condena tudo isso.

Francisco esclarece que a destruição do ambiente é um fato gravíssimo. De um lado, porque Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro lado, porque a própria vida humana é um dom que deve ser protegido das várias formas de degradação. E nos mostra que **toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades**. O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado (cfr. *Laudato Si* n. 5).

Para enfrentar estas problemáticas o **Papa Francisco** relê as narrações da Bíblia, a partir do Gênesis. Ele nos diz que a sabedoria bíblica nos mostra o plano de Deus na criação do mundo com tudo o que nele existe, inclusive o ser humano, e nos oferece uma visão ampla sobre Deus, a criação e a natureza.

“A narração da criação é central para refletir sobre a relação entre o ser humano e as outras criaturas e sobre como o pecado rompe o equilíbrio de toda a criação no seu conjunto [pois] a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra [...] essas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado” (LS n. 66)

“O Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo. [...] n’Ele se conjugam o carinho e a força” (LS n. 73).

A sabedoria judaica no Gênesis articula esta relação como uma “tremenda responsabilidade” (cfr. LS n. 90) do ser humano diante da criação. E a fundamenta no elo íntimo que deve haver entre todas as criaturas e o “meio ambiente”, pelo fato dele ser um bem coletivo, um patrimônio de toda a humanidade e, portanto, uma responsabilidade de todos (cfr. LS n. 95).

A natureza, afirma Francisco, é um bem comum, é a casa de todos. Cada criatura do planeta traz uma mensagem em sua existência e vive em harmonia com as demais criaturas, mas nossa época nos mostra que esta harmonia foi destruída.

Francisco nos mostra que, atualmente vemos e vivemos um conflito entre o homem e a natureza. O motivo está no fato da humanidade querer “ocupar o lugar de Deus” recusando-se a reconhecer-se como criatura criada à imagem e semelhança de Deus, mas criatura limitada. As consequências desta cosmovisão que impera em nosso tempo é, infelizmente, **a distorção gritante da “natureza do mandato de ‘dominar’ a terra e de ‘cultivar e guardar’**. Não compreendendo que a sua responsabilidade no jardim do mundo (cfr. Gn 2,15), o mandato de “dominar a terra”, era para “cultivar e guardar”, esta relação acaba se reduzindo ao domínio absoluto do homem sobre tudo e todas as outras criaturas (LS 67). O ser humano torna-se dono, devorador de tudo, violento, explorador.

Por outro lado, o papa chama atenção para um fato presente em nosso tempo: a defesa ecológica de animais e outros seres vivos. Ele nos ensina que **considerar o ser humano como não sendo o dono do universo, “não significa igualar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele valor que lhe é peculiar”** e que lhe confere dignidade humana. Por exemplo, o Papa demonstra que “não pode ser autêntico” um cuidado dos animais ou um “um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos” (LS n. 91).

Diante de tal situação, observamos que até existe uma crescente convicção de que tudo, todo tipo de vida, nesta *casa comum* está relacionado entre si, e que o autêntico cuidado com nossa própria vida e com nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade para com os outros (cfr. LS 66), mas o estrago está cada vez maior. **A humanidade precisa, urgentemente, aprender a “cuidar” da natureza onde vive, se quer preservar a si mesmo e ao planeta.**

Assim, o evangelho da criação nos ajuda a compreender, à luz da fé, o verdadeiro sentido do universo e do nosso planeta. No faz compreender, inclusive, que Jesus Cristo é nosso modelo, pois teve um universo de relações movidas pelo cuidado, respeito, solidariedade, libertação e harmonia.

Como podemos observar, o Papa Francisco nos ajuda a compreender que **estamos vivendo a crise do antropocentrismo**, e apresenta-nos **o evangelho da criação como inspiração**, em Deus e seu projeto, **para enfrentarmos e solucionarmos estes problemas que estamos criando.**

Mas há uma novidade no magistério do Papa Francisco. Em sua proposta para uma ecologia integral ele voltou seu olhar para a Amazônia, o pulmão do mundo⁷, e propôs ações concretas. Já no documento de Aparecida, o então Cardeal Bergoglio era secretário, olhava o desenvolvimento econômico mundial como um problema que, com frequência, subordinava a preservação da natureza com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com a contaminação do ar e a mudança climática etc.

⁷ A América Latina possui os aquíferos mais abundantes do planeta, junto com grandes extensões de território selvagem, a Floresta Amazônica, são considerados os pulmões da humanidade.

Segundo Bergoglio a preocupação era e sempre foi o “lucro”. Assim, Aparecida **propôs um desenvolvimento global e solidário que não estivesse acima das outras dimensões humanas, mas que estivesse a serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, e nem se colocasse acima da preservação da natureza**⁸. O Valor da pessoa humana e de suas necessidades de sobrevivência deve ser maior que o valor do “lucro”.

1.3. A REPAM (REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA)

Com a alegria e, com certeza, com o incentivo do magistério do Papa Francisco, que lançou um olhar de pastor que vai ao encontro das ovelhas para os povos latino americanos, foi fundada, em 2014, a Rede Eclesial Pan Amazônica (REPAM) trabalha em sintonia com a Santa Sé, Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Secretariado da América Latina e Caribe de Caritas (SELACC) e Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR).

Com as características de **transnacionalidade, eclesialidade e proteção da vida** a REPAM reúne Igrejas de nove nações sul-americanas que têm a floresta Amazônica em seu território (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela).

A rede (REPAM) articula ações de combate aos desafios comuns de povos, comunidades e dioceses de toda a região. São **30 milhões de pessoas que falam 240 línguas diferentes, pertencentes a 49 ramos linguísticos**. Este povo de Deus está ameaçado de morte, alguns até de extinção, pela poluição, pelas mudanças no ecossistema do qual dependem e que muda constantemente pela ação do homem, e pela falta de proteção de seus direitos humanos fundamentais.

1.4. SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA

Um luz brilhou para nós: O Papa Francisco atendeu o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, e como pastor que vai ao encontro da ovelha perdida, ouviu a voz de muitos outros pastores e fiéis de várias partes do mundo, e convocou **um Sínodo para a Amazônia, que será realizado em outubro de 2019, na cidade de Roma**. Esta convocação lança novamente um olhar (que Francisco insiste desde a *Laudato Si*) sobre a realidade Pan-Amazônica.

O Cardeal Claudio Hummes, presidente da REPAM, comenta que são tantos povos e tantas riquezas existentes na Amazônia, e que, infelizmente são violados, explorados e degradados, que este Sínodo Pan-Americano, como nunca aconteceu na história, vai nos levar a um destino

⁸ É importante saber que no **dicionário dos bispos em Aparecida** havia a expressão “*desenvolvimento sustentável*”. Assim, ao tratar do destino universal dos bens e da ecologia, pedia-se o respeito para com a ‘nossa irmã e mãe terra’ (Francisco de Assis, *Cântico das Criaturas*), que “é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação. Este verbete fazia compreender que negligenciar as mútuas relações e o equilíbrio que o próprio Deus estabeleceu entre as realidades criadas, era uma ofensa grave ao Criador, um atentado contra a biodiversidade e, definitivamente, contra a vida. Afirmava ainda que o desenvolvimento deve visar o bem da pessoa humana: “A melhor maneira de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa e a família, os ambientes e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular as coisas em Cristo e de louvar com Ele ao Pai (cf. 1Cor 3,21-23). (Cfr. o texto: “*Ecologia nos Documentos da Igreja Católica*”, Frei Ludovico Garmus, in: <http://www.franciscanos.org.br/?p=55573>).

comum, obrigando-nos “a procurar um novo início”. E, lembrando a Carta da Terra⁹, o cardeal confia que ele seja um tempo a ser recordado “*pelo despertar de uma nova reverência perante a vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela jubilosa celebração da vida*”.

O objetivo deste Sínodo Pan Amazônico, conforme a carta de convocação do papa, será “*Identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta*”.

Ao comentar sobre o objetivo deste Sínodo, o Cardeal Hummes esclarece que ele se desdobra em três objetivos específicos: **O primeiro é buscar novos caminhos para a evangelização**, se não ouvirmos as leigas e leigos, que já desenvolvem um trabalho intenso na Igreja, o sínodo estará distorcendo a realidade, pois não podemos imaginar a Igreja e a vida na Pan Amazônia sem o compromisso que eles assumem. **O segundo é o enfoque específico dos povos indígenas**. Este é um grande desafio, pois estamos muito no início desta enculturação e temos que avançar muito ainda. As questões que ficam: que tipo de evangelização queremos? como incluir os povos indígenas em nossa ação evangelizadora? Não poderemos chegar de cima para baixo. Os povos indígenas são e devem ser os protagonistas de sua própria história. **O terceiro é a Amazônia como um todo**, seu valor, sua vocação, sua missão de regulamentar o clima planetário.

1.5. PREPARAÇÃO DO SÍNODO PAN AMAZÔNICO.

- ✓ Organizar um Sínodo Pan-Amazônico é olhar para a América do Sul e pensar nos povos e nações que vivem nos nove países que tem em seu território o bioma Amazônico, sendo o Brasil: 67%, Peru: 13%, Bolívia: 11%, Colômbia: 6%, Equador: 2%, Venezuela: 1%. Suriname, Guiana e Guiana Francesa somam 0,15% deste bioma; é pensar num continente onde habitam 2.779.478 indígenas pertencentes a 390 povos originários e cerca de 137 povos “isolados” (não contatados), que falam 240 línguas diferentes, pertencentes a 49 ramos linguísticos. Mas também é preciso lembrar das comunidades ribeirinhas, dos territórios Remanescentes de Comunidades Quilombolas, as comunidades tradicionais que vivem nas florestas e, também, as populações urbanas¹⁰.
- ✓ O Cardeal Lorenzo Baldisseri, Secretário Geral do Sínodo Pan Amazônico, enviou um comunicado ao Cardeal Hummes, presidente da REPAM, propondo que os membros da REPAM trouxesse propostas concretas, já refletidas anteriormente, para o encontro de Puerto Maldonado.
- ✓ O primeiro encontro entre o **Papa** e a **Amazônia** aconteceu em Puerto Maldonado, no Peru, de 17 a 21 de Janeiro de 2018, e teve vários encontros com os povos indígenas, os movimentos sociais e com o povo das periferias. É verdade que os povos amazônicos não têm consciência do valor transcendente que tem a figura de um Papa. Mas os líderes certamente estão cientes. E entenderam que na cúpula da Igreja há um coração amigo

9 cfr. *Carta da Terra*, em Haia, junho de 2000.

10 Aproximadamente 79% da população amazônica brasileira vive em centros urbanos.

que os escuta e ajuda, oferecendo palavras de esperança em face às muitas ameaças que enfrentam em suas terras.

- ✓ Aconteceu em Puerto Maldonado, nos dias 19 e 20 de janeiro de 2018, o encontro com o Cardeal Lorenzo Baldisseri e os bispos de: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Inglesa, Peru, Suriname e Venezuela, membros da Rede Eclesial Pan Amazônica – REPAM. Também estavam presente os representantes do Conselho Episcopal Latino-americano, CELAM, da Conferência dos Religiosos, CLAR, e da Caritas. Conforme texto à parte, eles buscaram avaliar os desafios e buscar respostas comuns para seus mais de 30 milhões de habitantes.
- ✓ Vale a pena mostrar que o Cardeal Claudio Hummes ressalta a importância de dois aspectos fundamentais que devem estar presentes no Sínodo Pan Amazônico: **primeiro, o propriamente missionário e evangelizador** naquela região, pois é preciso falar de **interculturalidade** e pensar a evangelização a partir da cultura desses povos que tem uma espiritualidade e uma cultura ecológica. Eles vivem de modo próprio seu relacionamento com o Sagrado, o *“Deus Onipotente’, presente em todo o universo e na mais pequenina das criaturas, e envolvendo com ternura tudo o que existe”*, que acabam vivendo uma espiritualidade ecológica, uma aliança entre o humano e meio ambiente. E **segundo, a questão ecológica**: a importância da floresta Amazônica e a ameaça que ela está sofrendo de destruição, de degradação, de desmatamento, etc.”.
- ✓ **Questão social na Pan Amazônia**. Necessariamente o Sínodo deverá enfrentar a questão da evangelização e da promoção social, que continua sendo uma pendência nestes 500 anos de colonização da Américas. Mais que pendência, uma dívida social para com os povos nativos desta imensa população: 2.779.478 indígenas pertencentes a 390 povos originários em 9 países, muitos continuam sucessivamente vítimas de seringueiros, madeireiros e mineiros, em atividades legais ou ilegais.
- ✓ O bispo Mons. Martínez, do Peru, que articulou o desejo de acontecer este Sínodo, afirma categoricamente que é necessário fazer frente à globalização e investigar suas causas e consequências, principalmente a presença de projetos de mineração cada vez maiores nestas terras Amazônicas, que nos obrigam a promover uma organização em redes para sobrevivermos com dignidade.
- ✓ Falar de **Sínodo Pan-amazônico** também significa considerar o debate sobre o novo ministério em uma Igreja, como a amazônica, que possui um pequeno número de sacerdotes chamados para servir um vasto território. Nessas regiões, se não for pensado um serviço ministerial mais aberto, não será possível servir a contento as comunidades. Em **Chiapas**, no México, temos exemplos de 'diaconato indígena', com um caminho que valoriza os casais e um caminho de diálogo intercultural.
- ✓ O Cardeal Claudio Hummes afirma que o imenso território amazônico precisa urgentemente de mais missionários e mais atenção por parte dos governos.

PRONUNCIAMENTOS E DOCUMENTOS DA IGREJA NO BRASIL

No Brasil, o tema da ecologia tem sido tratado em algumas Campanhas da Fraternidade (CF), principalmente no que diz respeito ao compromisso social da fé cristã, de acordo com os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja (DSI). Abaixo vemos brevemente.

ANO	TEMA	LEMA
1979	Por um mundo mais humano	Preserve o que é de todos
1984	Fraternidade e Vida	Para que todos tenham vida
1986	Fraternidade e Terra	Terra de Deus, Terra de irmãos
2002	Fraternidade e Povos Indígenas	Por uma terra sem males
2004	Fraternidade e Água	Água, fonte de Vida
2007	Fraternidade e Amazônia	Vida e Missão neste chão
2011	Fraternidade e a Vida no Planeta	A criação geme em dores de parto (Rm 8,22)
2016	Casa Comum, nossa responsabilidade	Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca
2017	Fraternidade: Biomas brasileiros e defesa da vida	Cultivar e guardar a criação